

O Conhecimento Aplicado do Historiador Islâmico Medieval: O Poder, a Sociedade e a Erudição na *Muqassimah de Ibn Khaldun* (1332-1406)

Elaine Cristina Senko*

Introdução

Em sua obra *Muqaddimah*, o historiador muçulmano Ibn Khaldun (1332-1406) empreendeu uma análise histórica em torno das noções de sociedade, poder e erudição nos principais núcleos da sociedade islâmica medieval (Norte da África junto a Península Ibérica e o Oriente islâmico). Khaldun desejava, através de seu trabalho, compreender o modo como os grupos sociais se mantinham coesos e fortes, buscando estabelecer quais parâmetros orientavam os homens a viverem conjuntamente – a idéia de *umran*.¹ Nesse sentido, Khaldun põe em prática uma metodologia historiográfica crítica e reveladora, a qual se utilizava de uma técnica advinda do tradicionalismo islâmico do *tadil wa tajrih (improbatio et justificatio)*.² O presente artigo busca justamente delinear o raciocínio de Khaldun no que se refere ao seu entendimento da sociedade – em torno de suas noções de sociedade, poder e erudição –, entrevendo quais seriam os principais aspectos, na justificativa do autor, que orientavam a união dos grupos sociais e que caracterizavam o movimento típico das sociedades islâmicas no tempo.

Metodologicamente, para compreender sociedade dos homens, Khaldun recorreu à fontes tais como Galeno em seu tratado de medicina *Sobre o uso dos membros (Perikreias tón Anthrópou sómati morion)*. Khaldun resgatou nessa fonte o sentido da força que o ser humano poderia se utilizar para buscar meios ao seu sustento. Ao mesmo tempo, o historiador muçulmano buscou apoio em fontes que trabalhavam com aspectos da geografia, tais como o *Tratado sobre Geografia* de Ptolomeu; além disso, fez um estudo detalhado acerca do planisfério de Idrissi. Assim, Khaldun passa a observar a teoria dos sete climas e inicia seu estudo no Mediterrâneo, seguindo até o Oriente. Nesse sentido, passo a passo, o historiador muçulmano demonstra seu conhecimento sobre astronomia e astrologia, tendo em vista que necessitava de orientação geográfica para identificar alguns povos: por exemplo, os chamados *povos da meia noite* (os negros que estão abaixo do Magreb e que também foram estudados por Al-Maçudi) e os *esclavões* (os povos do norte). Dentre os homens

mais fortes e qualificados para sobreviverem na sociedade estão aqueles que habitam os desertos, tendo em vista que possuem uma alimentação austera e não oriunda da cidade (com sua abundância). Esse pensamento de Khaldun, no entanto, é mais desenvolvido em outra obra sua, *A História dos Berberes*.

Para legitimar o estudo da sociedade, Khaldun também nos traz uma análise sobre a natureza da revelação do Profeta, bem como sua diferença com certas práticas, tal como magias e leituras de augúrios (estas pertencentes aos pagãos). As fontes de informação utilizadas por Khaldun nessa parte são o *Sahih de Al-Bukhari* (tradicionalista), *Kitab Al Gayat de Maslama* (tradicionalista) e também reflexões oriundas de fatos históricos, da filosofia islâmica, da matemática aristotélica e islâmica, das bases da religião sunita e da medicina. Para alcançar um entendimento claro, Khaldun com base em seus estudos, indica que nos utilizamos da seguinte série: faculdade estimativa – faculdade memorativa – faculdade reflexiva –, assim chegando ao chamado intelecto puro.

Por uma análise que compreenda a sociedade

A sociedade para Ibn Khaldun está dividida entre os nômades (berberes e nômades árabes) e os sedentários (os cidadãos). A questão da corrupção está ligada à luxuosidade que as famílias adentram quando alcançam a vida cidadina. Para Khaldun há primeiro a vida no campo ou no deserto, e depois pode se alcançar a vida nas cidades. É exatamente nestas localidades que a austeridade se perde, os homens se corrompem e acabam por pagar impostos ao governante. Na vida do campo ou do deserto, os homens são mais corajosos em relação aqueles que já habitam as cidades e que se submetem ao poder.

O aspecto que mantém essas sociedades unidas e fortes seria uma espécie de espírito de grupo, denominado por Khaldun de *assabya*.³ O espírito de grupo seria o principal fator de ânimo aos homens, em sociedade, para empreenderem a conquista. Nesse pensamento, aqueles que fazem parte de grupos no deserto tem maior chance de serem os conquistadores das cidades já corrompidas pelo luxo. Um homem poderoso como um sultão deve zelar pelo espírito de grupo em seus súditos: "Com efeito, a reunião dos homens em sociedade e o espírito de clã, podem ser considerados como os elementos constitutivos do temperamento do corpo político".⁴

Além disso, o poder necessita do espírito de grupo por conta de sua auto proteção e manutenção:

*Temos já dito que o espírito de clã ou de grupo é o meio pelo qual os homens garantem a defesa mútua, rechaçam o inimigo, se desforram das ofensas e realizam os projetos que necessitam esforço comum. Qualquer sociedade de homens tem necessidade de um chefe para manter nela a ordem e impedir que uns agridam aos outros.*⁵

A nobreza (*charaf*) seria alcançada pelas virtudes da conquista, pela sua legitimação por parte do exército e sua defesa da religião, sendo transmitida pelas gerações da dinastia em que o espírito de grupo deve estar vivo. Por isso Khaldun critica a interferência, por exemplo, do *barkamida* Jafar no governo muçulmano de Harun Al-Raschid. O parentesco é o elemento essencial do espírito de grupo para se alçar a nobreza, pois a *charaf* e a ilustração são elementos fugazes se não bem administradas pelo poder. Por outro lado, os povos que acabam submetidos acabam copiando os costumes de seus conquistadores, tal como observa Khaldun entre os andaluzes conquistados pelos cristãos de Leão e Castela que permaneceram na Península Ibérica, perecendo de suas tradições e identidades rapidamente. Caso contrário dos andaluzes refugiados em Norte de África, que levaram consigo a tradição do sul peninsular e de certa maneira impuseram seu modelo aos berberes magrebinsos.

O poder deve ser digno e nobre

O soberano, segundo Ibn Khaldun, deve ser digno e nobre. Para que o soberano exista precisa-se fundar um império, prática levada a cabo por meio da conquista, animada pelo espírito de grupo, e por uma religião, responsável por conduzir à retidão de comportamentos. Esse é o exemplo deixado pelo início da história do islamismo: o Profeta tinha por missão propagar a religião e seus adeptos, com forte motivação religiosa, empreenderam as guerras de conquistas.

Depois que um império conquista muitas regiões deve-se tomar cuidado com as fronteiras, pois é muito arriscado tê-las e não as conseguir proteger. Isso deve ser uma preocupação maior quando o império apresentar os primeiros sinais de senilidade. Entretanto, enquanto o espírito de grupo exista e as milícias do sultão forem fortes nestes lugares, a proteção ainda continuará garantida.

Para Ibn Khaldun o modelo de governo que deve-se implantar depois da conquista animada pelo espírito de grupo é a *autocracia*. O homem possui, de modo natural, o desejo de ascender. Quando da conquista, a tribo de maior força de grupo domina as outras, freia os atos de insubmissão delas e escolhem um único chefe para os liderar, pois assim ele pode controlar a sociedade no melhor desenvolvimento e na retidão dos costumes. As fases de ascensão ao poder de acordo com Khaldun são: a conquista animada pelo espírito de grupo; o soberano retém toda a autoridade; a sociedade sente a vida tranquila; daí vem um período de contentamento e depois um momento de esbanjamento que corrobora para a ruína da dinastia.

Os descendentes do primeiro soberano entraram na corrida em busca do luxo corrompido e assim chegará o fim do império. Nesse momento, quando o governo já está entregue a vida cidadina luxuosa, na qual o membro de poder da dinastia não se lembra mais de suas tradições fundadoras e suas tropas de homens de armas já não é mais bem cuidada, o sultão tenta remediar a situação. O homem de poder convida estrangeiros para fazerem parte de suas tropas e elas vêm animadas pelo espírito de grupo com seus olhos fixados no poder que as contratou: "Isto demonstra que, no espaço de três gerações, chegam os impérios à decrepitude, completam o ciclo de sua evolução, mudando completamente de natureza".⁸ Tal é o caso dos mamelucos no Egito: Khaldun criticou a desorientação do antigo governo ayubbida que, dominado, acabou por perder seu poder para os estrangeiros. No entanto, o erro consiste em que os antigos governantes, tendo criado rivalidades internas, importaram os de fora e os trataram como membros de sua própria família, assim desestruturando todo e qualquer espírito de grupo da dinastia reinante. Por outro lado Khaldun indica que um procedimento de conquista que se utilizou dos estrangeiros, empreendido pelo sultão granadino Ibn Al-Ahmar, foi de procedência correta e sua ação resultou na efetiva resistência islâmica na Península Ibérica.

Khaldun estuda os monumentos de algumas dinastias e suas receitas fiscais para explicar que esses documentos podem revelar a grandiosidade de um poder. Cita as viagens de Ibn Batuta e o quanto esse aventureiro de seu tempo pôde ver coisas maravilhosas, mas chama a atenção para os acontecimentos fantasiosos novamente:

Isso acontece muitas vezes aos homens que pretendem falar de coisas novas; deixam-se influenciar tão facilmente por suas prevenções, a respeito dos fatos extraordinários, como pela mania de

*exagerá-los, com o fito de torná-los mais surpreendentes, como já notamos no começo deste livro. É por isso que devemos procurar os princípios das coisas e precaver-nos contra as primeiras impressões. À luz dos princípios, poder-se-á distinguir, estados de bom senso e num espírito reto, o que entra ou não nos domínios do possível como também se reconhecerá como verdadeira toda a história que não ultrapasse os limites do possível.*⁷

Quando um sultão é posto sob tutela devido à sua menoridade para governar e quando disso decorre que um vizir ambicioso toma o seu lugar, deve-se observar que esse fato é um acidente social produzido, conforme Khaldun, por uma dinastia que está entregue aos hábitos de luxo. Porém a retidão nos ensina que tal vizir nunca poderia ter subtraído o poder ao ponto de se auto denominar o homem de poder de determinada região.

Diferente dos emires e vizires, o sultão é um governante completo, pois tem virtudes e é apoiado pelos homens em sociedade que possuem o espírito de grupo e que praticam diante dele a *bi'a* (juramento). Segundo Khaldun: "A realeza, pois, é uma nobre instituição; solicitada de toda a parte, invejada por muitos defensores, e, para ser útil a todos, precisa de força e da cooperação".⁸ Um dos exemplos de homem de poder no contexto muçulmano de Khaldun é o sultão: "O sultão é, na realidade, o dono, o possuidor do febanho, aquele que apascenta e cuida de tudo o que lhe diz respeito".⁹ O sultão deve ter doçura, bondade, não ser tirânico e possuir indulgência:

O soberano que governa seus súditos com doçura e os trata com indulgência ganha sua confiança e atrai seu amor; cercam-no de devoção, prestam-lhe sua ajuda contra os inimigos, e sua autoridade é prestigiada em toda parte. O bom gênio do príncipe manifesta-se na sua bondade de que usa no trato de seu povo e no zelo com que cuida de sua defesa. A essência da soberania é a proteção dos súditos. A doçura e a bondade do sultão aparecem na indulgência com que os trata e no empenho de lhes assegurar os meios de subsistência; é a melhor maneira de grangear sua afeição. Agora, é preciso saber que um príncipe dotado de um espírito vivo e sagaz é pouco inclinado à doçura. Esta qualidade é, habitualmente, própria do monarca bonacheirão e despreocupado. O menor dos defeitos de um soberano dotado de viva inteligência é impor a seus súditos tarefas e empreendimentos acima de suas forças; porque as suas miradas alcançam muito além do que os súditos podem fazer, e quando começa uma empresa, crê e pensa adivinhar, por sua perspicácia, as conseqüências remotas do que empreende. Sua administração é,

*pois, nociva ao povo. Disse o Profeta: Regulai vossa marcha pelo passo do mais fraco entre vós.*¹⁰

Acima do governo do sultanato existe o Califado, um poder que é orientado pelas leis divinas prescritas no *Al Corão*.¹¹ De acordo com Khaldun, o Califado tem uma qualidade própria e é ligada à dois poderes: o temporal e o espiritual. Para sustentar o poder do califado temos os cargos de cádi (juiz) e emir (príncipe guerreiro); para o sultanato temos o cargo do vizir (ministro) que auxilia o poder e de hajib (aquele que guarda o acesso ao sultão). Mas vamos apresentar esse modelo de governo tão caro ao historiador Khaldun ao lado do sultanato (realeza pura), tendo em vista que ambos deveriam defender o islamismo e a verdade:

*Vê que a realeza pura é uma instituição conforme a natureza humana, e que obriga a comunidade a trabalhar para executar os projetos e satisfazer as paixões do soberano. Reconhece que o governo regido por leis tem por fim dirigir e orientar a comunidade segundo os preceitos da razão, para que o povo desfrute dos bens deste mundo e se garanta contra o que lhe pode ser prejudicial. Sabe o benévolo leitor que o califado dirige os homens segundo a lei divina, para assegurar-lhes a felicidade da outra vida; porque, aos bens deste mundo, o legislador inspirado¹² os considera na dependência e através do prisma da vida futura. O Califa é, pois, na realidade, o lugar-tenente do legislador inspirado, encarregado de manter a religião e de se servir dela para o governo do mundo. [...] O sábio, o prudente, é Allah.*¹³

No pensamento de Khaldun são os homens que decidem, através do uso da razão, quem deveria ser o seu sultão. Os abusos dessa soberania são a tirania, a injustiça e a sensualidade; e as virtudes são a justiça, a moderação e o zelo. Essas virtudes permanecem uma constante até o tempo de Khaldun, porém o califado já foi se transformando em realeza, misturando-se ao sultanato.

Para Ibn Khaldun a 'umran' é a substância cujo trabalho e forma é o governo. Para assegurar esse governo, o sultão deve agir com brandura, moderação, tomar cuidado com as fronteiras e com a quantidade de homens preparados em suas tropas. Se este governo ainda for incipiente é necessário ter tempo para formar uma coalisão de muitos indivíduos para formar sua tropa e se inspirarem através do espírito de grupo. No caso do governo realizar a conquista, saindo da vida nômade e entrando numa vida nas cidades (sedentária), deve-se

observar no mundo muçulmano as diretrizes apontadas pela lei religiosa. Depois de preparado esse terreno funda-se, enfim, o império: "O homem é cidadão por natureza. Esta máxima, muito conhecida dos que ouviram explicar os livros dos filósofos, é citada (pelos mestres) [...] o termo cidadão deriva de cidade, vocábulo servindo para designar a reunião dos homens em sociedade".¹⁴ Depois da conquista deve-se escolher um homem para o poder e este que seja ciente das palavras divinas para guiar a conduta moral de seus súditos – estes que devem ser em grande quantidade para justificar um legítimo governo. Nesse ínterim religioso Khaldun nos traz a discussão do mahdi (o fatímida esperado) por meio dos debates de tradicionalistas islâmicos.

Nesse âmbito do poder Khaldun nos explica o movimento histórico de ascensão, tempo que a dinastia durará, e sua queda também pelos seus conhecimentos astronômicos e astrológicos, os quais parecem que se misturam na sua hermenêutica. Nas cidades os homens ricos devem zelar por sua existência, que logo pode ser abalada pela decadência da dinastia vigente. A civilização nasce nesse escopo das cidades, que tem costumes diferentes dos nômades, como cita Khaldun:

*Eis aí a civilização da vida sedentária. Compreende-se agora porque, nas províncias afastadas da capital, os usos da vida nômade predominam naquelas cidades, embora contendo cada uma numerosa população, e que seus habitantes se afastem, em todas as suas práticas, das formas de civilização sedentária. O caso se apresenta sob um aspecto diverso nas cidades situadas no centro dos grandes impérios, dos quais são sede e metrópoles. O fato se prende a uma causa única: a presença do sultão.*¹⁵

A civilização, de vida sedentária, estaria pois nas cidades, tendo em vista que lá está o limiar de uma dinastia – no caso o auge do comércio e da vida faustuosa. Nas cidades também poderia existir o espírito de grupo quando uma família com força nos meios sociais suprimia as demais. No Norte de África, por exemplo, os considerados cidadãos são os emigrantes andaluzes que trouxeram consigo toda uma civilização, enquanto os Banu Hilal são os árabes nômades que viviam sob tendas no deserto: "A civilização da vida sedentária tomou então, no Magrib, uma certa consistência e se estabeleceu ali de uma maneira sólida; mas o Magrib a deve, em grande parte, aos Andaluzes".¹⁶ Os andaluzes, segundo Khaldun, levaram os costumes peninsulares ao território norte-africano e estes

se misturaram com outros costumes, tais como dos inúmeros viajantes e do Egito.

Ibn Khaldun entendia, de maneira filosófica, que a dinastia serve de *forma* para sua civilização, enquanto que a *matéria* seria o ato de governar os súditos e as cidades. Depois da existência de uma forte dinastia, que possui o significado de civilização pelo número de seus habitantes e pela ênfase no comércio, pode ocorrer nela um período de senilidade: "Ora, a razão e a História nos ensinam que, no espaço de quarenta anos, as forças e as energias do homem atingem seu derradeiro limite".¹⁷ Khaldun nos lembra que quarenta anos foi o tempo em que os israelitas ficaram no deserto até que a nova geração, rica em espírito de grupo, conseguisse cumprir a vontade divina em direção à terra prometida.

Por uma concepção de tempo e história pautada na sociedade, poder e erudição

A análise da sociedade e do poder feita por Khaldun revela a grande erudição do historiador, tendo em vista seu conhecimento amplo sobre todos esses temas. No entanto, de que modo podemos entender tal estudo à luz da proposta historiográfica que ele busca estabelecer em sua obra? Nossa análise detida dos tópicos anteriores ganha sentido quando passamos a seguinte reflexão: Khaldun estabelece um padrão de movimento para todas as sociedades, caracterizando diferentes e progressivas etapas pelas quais a história de um povo pode ser analisada. Vejamos a ordem de seu pensamento: primeiro o espírito de grupo anima uma dada coletividade, a qual parte para a conquista; depois, quando estabelecida a dinastia, ela pode se deixar abrandar pelo sedentarismo e a luxuosidade; tão logo isso ocorrer, perderá progressivamente o seu espírito de grupo, pois o bisneto da família esquecerá sua tradição e a decadência tornaria-se eminente. Dessa forma, o que Khaldun deseja demonstrar com seu estudo histórico do movimento das sociedades são etapas onde o poder ascende, depois se acomoda e acaba dando margem para uma reviravolta, porque outra dinastia animada pelo espírito de grupo a domina e controla seus costumes.

Através desse movimento inerente a sociedade, pautado no estudo das relações de poder e da cultura (erudição) que lhe caracterizam, entrevemos na perspectiva histórica de Khaldun uma concepção cíclica do tempo. Segundo o historiador Rogelio Blanco

Martínez, a influência da concepção clássica grega de História¹⁸ em Khaldun é notória em sua construção metodológica, e o que a deixa mais à vista é a sua noção de tempo cíclico:

Cierto es que la concepción histórica de Ibn Jaldún es cíclica, y con su dialéctica entre las formas de vida rural, nómada y urbana contempla la inexorable decadencia a la que abocan los crecientemente complejos entramados entre sociedad humana y civilización, siendo también en ello precursor de las más pesimistas, fatalistas e incluso 'apocalípticas' visiones históricas occidentales, desde Frobenius y Spengler a nuestros días. Y, sin embargo, Ibn Jaldún no es propiamente ni pesimista, ni fatalista, ni menos aún apocalíptico, pues, como vamos a comprobar en la cita final que haré de él, desde el seno mismo de la devastación, en las más profunda noche, encuentra que renace la creación, la aurora. Y en este punto, las primeras 'miradas españolas' a Ibn Jaldún fueran ya muy clarividentes; comenzando por las de Rafael Altamira o la de Ortega, quien calificaba en El espectador de 'mente clara, toda luz, pulidora de ideas como la de un griego (y que) va a introducirnos en el orbe histórico donde nuestro espíritu no logra hacer pie'.¹⁹

Para Ibn Khaldun o tempo não é providencial, para ele a História é feita pelos homens e tendo como objeto a sociedade.²⁰ Também nos indica Juan Martos Quesada que Ibn Khaldun teve uma vida intensa, que a sociedade diante dele não era somente motivo de observação, mas que ele estava mais interessado em encontrar leis que marcassem o nascimento, a vida e a morte das sociedades humanas²¹:

Para llegar a este objetivo, Ibn Jaldún no duda en consultar todas las fuentes escritas de las que podía disponer, ya fueran autores latinos o griegos, bizantinos o musulmanes. Actor y testigo privilegiado de su tiempo, contrasta su visión, sus opiniones y valoraciones con los datos que le ofrecen los grandes viajeros de Asia y África; y no sólo se limita a hacer una comparación de a información recabada, sino que es consciente de la implicación que sufre el historiador en su narración; según Ibn Jaldún: 'el informador se introduce naturalmente en la información histórica'.²²

Portanto, Ibn Khaldun, ao estudar e estabelecer um conjunto de preceitos em relação à política, a sociedade e erudição no mundo islâmico, entrevê uma concepção cíclica de tempo. Observando uma regularidade de movimento (ascensão e queda) nas sociedades islâmicas do passado, o autor fortalece uma perspectiva

historiográfica que o auxilia a compreender o próprio presente: um período inconstante para os diferentes núcleos de poder (sultanatos) no Norte da África. Ao mesmo tempo, o trabalho de Khaldun estabelece uma noção de grande importância àqueles que se dedicavam ao estudo do passado: seriam detentores de um conhecimento que os tornavam aptos para lidar – da melhor forma possível, seguindo os bons exemplos do passado – com as circunstâncias práticas do presente. Nesse sentido, o erudito encontrava seu espaço próximo ao poder, orientando políticas ao desvendar o ritmo da sociedade.

Notas de Referência

- * Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), orientada pela Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães. Contato: elainesenko@hotmail.com
- 1 O conceito de "umran" de Khaldun está vinculado ao de civilização e política.
 - 2 Khaldun escolhe um panorama para discutir a formação de uma sociedade que é necessária para uma dinastia existir, passa a observar o poder quando já assentado em uma vida sedentária (citadina) e como o homem de poder deveria ou não agir para se comportar diante do tempo cíclico. Nesse sentido, Khaldun nos demonstra claramente os métodos dos jurisprudentes, dos filósofos e da arte da linguística. A História está entremeada em toda essa discussão, pois Khaldun a todo momento busca nos fatos do passado os exemplos a serem seguidos ou refutados. A própria análise da filosofia é um estudo que poderíamos denominar história da filosofia. É no sentido de legitimidade do escrito que a História é apropriada por Khaldun e através dela demonstrou o quanto é importante a investigação em busca da verdade se utilizando da técnica do *tadil wa tajrih (improbatio et justificatio)*, de demonstrar que o poder perscruta um tempo cíclico e como a sabedoria em diversas áreas é essencial como base para um pesquisador da História.
 - 3 O conceito de *assabyia* ou espírito de grupo é o que mantém os homens em sociedade. Os berberes foram os que possuíam a *assabyia* com exemplaridade. Essa ligação entre os homens é tida pelos laços de sangue e de família (clã). O espírito de grupo favoreceu as conquistas para o Império Muçulmano.
 - 4 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)*. Tradução integral e direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958, p.226.
 - 5 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)*. op.cit, p.243.
 - 6 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)*. op.cit, p.306.
 - 7 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)*. op.cit, p.326.

- 8 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)*. op.cit, p.336.
- 9 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)*. op.cit, p.338.
- 10 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)*. op.cit, p.339.
- 11 Os primeiros Companheiros do Profeta Muhammad estavam acima da condição de Califas, mesmo sendo nomeados pelos seus como tais, eles eram os corretamente guiados: Abu Bacr, Umar Ibn Al-Khattab, Uthman Ibn Affan e Ali Ibn Ali Tahib.
- 12 O Legislador Inspirado é o Profeta Muhammad.
- 13 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)*. op.cit, p.342.
- 14 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo II)*. Tradução integral e direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1959, p.384.
- 15 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo II)*. op.cit, p.255.
- 16 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo II)*. op.cit, p.258.
- 17 KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo II)*. op.cit, p.260.
- 18 "Y con ello, Ibn Jaldún – de cierto, como un 'griego', como le viera Ortega – busca hacer la historia inteligible, deduciendo sus leyes generales; pero no sin antes haber hecho que el *logos* griego descendiese lo más sutilmente posible hasta las 'entrañas' mismas de las redes de pasiones que rigen la vida social. Se le ha comparado especialmente con Tucídides, señalando cómo incluso 'aventaja' a éste en la percepción de lo puramente social, más allá de la incidencia de individuos y héroes". BLANCO MARTÍNEZ, Rogelio. "Ibn Jaldún: entre el saber y el poder". *Miradas españolas sobre Ibn Jaldún*. Madrid: Ibersaf, pp.13-22, 2008.
- 19 BLANCO MARTÍNEZ, Rogelio. "Ibn Jaldún: entre el saber y el poder". *Miradas españolas sobre Ibn Jaldún*. Madrid: Ibersaf, p.17-18, 2008.
- 20 Segundo Martos Quesada: "Y en este punto considero que la visión lienal y providencial cristiana y de su secularización ilustrada en el racionalismo occidental, que – quizá tenga razón Marái Zambrano – ha hecho de la Historia su último y único dios, su ídolo. Ibn Jaldún, lejos de divinizar a la Historia, la separa drásticamente de la trascendencia que él sólo ve en lo supranatural, y de cualquier tipo de providencia que sólo acepta para lo puramente individual". In: MARTOS QUESADA, Juan. "Presentación". *Miradas españolas sobre Ibn Jaldún*. Madrid: Ibersaf, p. 20, 2008.
- 21 MARTOS QUESADA, Juan. "Presentación". *Miradas españolas sobre Ibn Jaldún*. Madrid: Ibersaf, p. 11, 2008.
- 22 MARTOS QUESADA, Juan. "Presentación". *Miradas españolas sobre Ibn Jaldún*. Madrid: Ibersaf, p. 11, 2008.